



REFLEXÃO SOBRE A ORIGEM DA VIDA

A atriz e diretora **Regina Casé** apresenta o solo **"Viva! Vida!"**, em Brasília, no CCBB. A montagem propõe uma reflexão sobre a **relação dos seres humanos com o planeta. Página 16**



Um festival atento ao que pode **ser pop**

Sem deixar de lado o rigor do cinema autoral, a curadoria gramadense dá lugar a tramas que comovem e valoriza expressões regionais com fortes chances de lotar salas, como 'Grenal'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Responsável por inaugurar o Panteão de produções ganhadoras do Kikito de Melhor Filme, no ano um do Festival de Gramado, lá em 1973, "Toda Nudez Será Castigada" vendeu 1.737.151 ingressos, consagrando-se como blockbuster. Foi premiado ainda na Berlinale, o que torna difícil para historiadores/as precisarem o quão influente o evento (desde então) anual da Serra Gaúcha teve na carreira comercial do longa-metragem de Arnaldo Jabor (1940-2022). Contudo, ao se falar de sua consagração popular, a imagem do Kikito, deus da alegria dos Pampas, pede os holofotes que merece.

Gramado contribuiu para fazer daquele clássico uma grife. Sempre faz essa diferença. Por isso, neste momento em que a competição por essa estatueta (a mais famosa do audiovisual neste país) está a um passo de terminar, com o anúncio da premiação agendado para a noite deste sábado, a discussão em torno dos vencedores envolve uma reflexão sobre qual dos concorrentes têm fôlego para cruzar a marca do milhão, como o cult de Jabor cruzou.

A situação de nossas bilheteria está tão feia este ano que, se algum



Yuri Gomes e Teca Pereira levam o Brasil na garupa depois de encantarem Gramado com 'Feito Pipa'



Giro Filmes

O documentário 'Grenal: O Maior Clássico das Américas' promete ser um sucesso popular... pelo menos no Sul

competidor – na ficção ou no documentário – vender mais de 100 mil tíquetes, já será uma festa.

Com a ajuda do portal Filme B, entidade responsável por monitorar as receitas de longas no Brasil, o Correio da Manhã levantou o faturamento dos dez longas brasileiros mais vistos desde janeiro. O quadro está na página ao lado. Nossa estreia de maior arrecadação no ano foi "Velhos Bandidos", de Claudio Torres, que estacionou a carreira nas salas exibidoras depois de vender

429.187 bilhetes. Ano passado, de janeiro a março, "Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa" deu o dobro disso (e mais um tiquinho), em dois meses em cartaz, somando cerca de um milhão. Também ao longo de dois meses de 2025 (novembro e dezembro), "O Agente Secreto", que nos deu o Globo de Ouro e recebeu quatro indicações ao Oscar,

vendeu 1,1 milhões de entradas. Totalizou cerca de 2,5 milhões de espectadores.

Em 2006, quando a nossa ocupação de tela mal chegou a 10% no primeiro semestre, o segundo lugar do pódio, "O Diário de Pilar na Amazônia", parou em 147.803 espectadores. Apesar de essas cifras darem tristeza, Gramado permanece otimista frente ao fato de que a reverberação elogiosa em torno de muitas de suas atrações possa se converter em interesse das plateias.

"Chorão: Só Os Loucos Sabem", que só será lançado em 2027, besuntou José Loreto de adjetivos entusiasmados em sua entrada na competição oficial. O apelo de reviver o líder do Charlie Brown Jr. – e com uma atuação visceral – pode contagiar tientes da banda. Numa outra latitude, no perímetro infantojuvenil, "Feito Pipa", do Ceará, angariou um fã-clube ardoroso à força de seu astro de dentes de leite, Yuri Gomes, e da presença de Lázaro Ramos.

Até na esfera documental, Gramado pode elevar a crença de nosso público nas autoridades que vai revelar, a julgar pelo apelo (pelo menos junto ao povo de seu estado) de "Grenal: o Maior Clássico das Américas". Exibido hors-concours, o filme revisita mais de um século de confrontos entre dois clubes, o Grêmio e o Internacional, numa narrativa dirigida por Belisario Franca e Tatiana Sager, com direção adicional de Renato Dornelles e roteiro de Leo Garcia.

"O público continua consumin-



Divulgação



Divulgação

'Velhos Bandidos' é a maior bilheteria nacional de 2026, com cerca de 420 mil ingressos vendidos

“O público continua consumindo histórias brasileiras, mas a disputa pelo tempo e pela atenção do espectador se tornou mais acirrada do que nunca”

ROSA HELENA VOLK

TOP 10 FILMES BRASILEIROS - 2026*			
Filme	Distribuidor	Público 2026	Público acumulado
1. Agente secreto, O	Vitrine Filmes	1.374.142	2.488.585
2. Velhos bandidos	Paris	429.187	429.187
3. Diário de Pilar na Amazônia	Disney	147.803	147.803
4. Agentes muito especiais	Downtown	105.149	105.149
5. (Des)controle	Elo/Sony	98.150	98.150
6. Poder do Rosário	Kolbe Arte	94.614	94.614
7. Sexo e destino	Paris	83.097	83.097
8. Zico, o samurai de Quintino	Downtown	67.248	67.248
9. Authentic games - No Império Desconectado	Imagem	66.734	66.734
10. Quinze dias	Manequim Filmes	40.536	40.536
		*de janeiro a agosto de 2026	



Fabio Rocha/Globo Filmes

Comandante Barros (Antonio Calloni) tem atuação visceral em 'Antártida'

Minha Melhor Amiga estreia em setembro com todo o empoderamento de Ingrid Guimarães e Mônica Martelli

Glória Pires e Tony Ramos voltam à comédia da troca de corpos em 'Se Eu Fosse Você 3', desta vez atingindo a filha do casal e seu marido



Desiree do Valle/Divulgação



Eny Miranda/Divulgação

do histórias brasileiras, mas a disputa pelo tempo e pela atenção do espectador se tornou mais acirrada do que nunca” explica Rosa Helena Volk, presidente da Gramadotur, autarquia municipal de cultura que realiza a caça aos Kikitos. “O papel histórico do Festival de Gramado é justamente o de agir como um acelerador de visibilidade — uma vitrine capaz de retirar o filme do ruído diário, construir prestígio e reascender o desejo de ir ao cinema.”

A visão de Rosa Helena se con-

cretiza na escalação de um thriller com fôlego de superprodução, “Antártida”, para a abertura dos trabalhos em Gramado, no último dia 14. Sua estreia será no dia 17 de setembro. O investimento que os Estúdios Globo fizeram nesse suspense glacial – de pompa inegável e elenco estelar – pode transformá-lo num ímã para cinéfilos. A idealização foi da roteirista Claudia Jouvín e a direção ficou a cargo de Bruno Safadi (de “Meu Nome É Dindi”), que assina os créditos de muitos êxitos

de audiência do Plim-Plim, de novelas das seis a séries. Esse suspense foi filmado em um espaço estimado em 1.500 m², localizado no Rio de Janeiro, que conta com câmeras auto-tracking de alta precisão, recursos de Inteligência Artificial e Realidade Aumentada e cerca de 300 m² de telas de LED, o que permitiu imersão na paisagem congelante - mesmo no calor carioca. A produção possibilitou a união do mundo real e do virtual de forma fluida, utilizando, além da tecnologia, imagens capta-

das na Patagônia através de câmeras 360 e cenários físicos. Em “Antártida”, o prestígio de Andrea Beltrão se fortalece ao assumir um signo de empoderamento: a subcomandante Elisabeth.

Na Estação Comandante Diniz, na Antártida, a cientista Inês (Marina Ruy Barbosa) é vítima de um crime brutal. Isolados pelo frio extremo e sem possibilidade de resgate imediato, todos os homens da base se tornam suspeitos – inclusive as patentes mais altas, Comandan-

te Barros (Antonio Calloni) e o Capitão Vicente (Lázaro Ramos). Elisabeth (Andrea) assume ali a difícil missão de investigar o ocorrido, enquanto as demais mulheres da estação – Inês, Marina (Leandra Leal) e Rose (Mariana Sena) – se sentem acuadas e precisam se unir para enfrentar o medo, o silêncio e a violência.

“Gramado segue firme na convicção de que o cinema brasileiro tem vigor, potência e relevância”, explica Rosa Helena. “Ao oferecer uma vitrine de prestígio, estender o tapete vermelho para os criadores e criar um ambiente de negócios no Gramado Film Market, o festival renova seu compromisso histórico de ser a ponte que reconecta nossas produções com o público das salas de cinema.”

Desde a pandemia, Gramado teve – mais do que qualquer outro festival desta pátria – um peso essencial para que certos rincões antes pouco conhecidos de nossa indústria cinematográfica tivessem destaque. O caso mais notável é o do Acre, que venceu o festival de 2022 com “Noites Alienígenas”. Depois, em 2024, foi a vez de Goiás, com “Oeste Outra Vez”. Ano passado, coube essa alegria para o Mato Grosso, via Cuiabá, com “Cinco Tipos de Medo”. Nenhum dos três fez uma jornada de blockbuster... nenhum colocou milhões nos cinemas. Mas puderam exportar seu esplendor estético por múltiplas veredas graças aos Kikitos conquistados.

Nos papos de bastidor deste festival, muito se comentou acerca dos longas (ainda no forno, 100% inéditos) que podem lucrar de setembro até o réveillon. A atração mais esperada, prevista para 3 de setembro, é “Minha Melhor Amiga”. Nele, Julia (Mônica Martelli) e Clara (Ingrid Guimarães) são melhores amigas e vivem o auge dos seus 50 anos. Quando suas filhas, Manu e Isadora, viajam para um intercâmbio em Portugal, elas aproveitam para dar um tempo da rotina frustrante e decidem embarcar para a Europa. Mas, ao chegarem em terras lusitanas, nem tudo sai como planejado e o que seriam apenas umas férias divertidas com as garotas se transforma em uma viagem que vai ressignificar a vida das duas.

Para 8 de outubro, “Se Eu Fosse Você 3”, de Anita Barbosa, conta com Glória Pires e Tony Ramos. Os astros dos filmes anteriores da franquia podem repetir a dose de 2006 e de 2009, e oferecer às redes exibidores sessões abarrotadas. Uma semana antes, teremos o cocoricó de “Galinha Pintadinha: O Filme”, de Juliano Prado e Marcos Luporini, com animação para levar crianças de todo país às poltronas de nossas redes exibidoras.

Dependendo de qual for a decisão de juradas e jurado neste sábado, em Gramado, um novo potencial xodó de brasileiras e brasileiros pode se firmar... e sob a bênção solar do Kikito.

ENTREVISTA | MARCIO FRACCAROLI

DISTRIBUIDOR, PRODUTOR E DIRETOR GERAL DA PARIS FILMES

‘Meu trabalho é tirar ingresso dos americanos’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Se os números do cinema brasileiros, em 2026, andam mal das pernas, Marcio Fraccaroli há de seguir tentando até a nossa andança pelo circuito exibidor atingir aquela firmeza que milhões de ingressos vendidos – e se possível por mais de um título ao ano – asseguram ao audiovisual deste país. Ele é craque nisso.

Distribuidor de fenômenos nacionais a granel (sobretudo desde a parceria que travou com a Downtown Filmes de Bruno Wainer) até passar a produzir os seus próprios longas-metragens, ele fez “A Saga Crepúsculo” (2008-2012) virar uma febre por aqui e repetiu a dose com “John Wick”. Tem um Jason Statham inédito (“Código: Vingança”) no gatilho para lançar em 10 de setembro, mas não largar mão das brasilidades.

O potencial arrasa-quarteirão “Minha Melhor Amiga”, com Ingrid Guimarães e Monica Martelli, é dele. Sua ida ao Festival de Gramado, para promover “Antártida” e “Feito Pipa”, provam que nosso cinema pode, ainda, ser a maior diversão. É o que ele explica neste papo, na Serra Gaúcha.

O que representa, para a Paris Filmes, a parceria com o Estúdio Globo e a chegada de “Antártica” a Gramado?

Marcio Fraccaroli - “Antártica” vem a Gramado para começar a campanha de divulgação do filme, que estreia em 17 de setembro. Mas queremos também que Gramado tenha a luz de toda essa estrutura midiática da Globo, que pode levar o filme ao Jornal Nacional e a outros espaços que nenhum de nós conseguimos controlar, dado o alcance infinito da televisão entre o povo brasileiro. Para mim, “Antártica” representa uma tentativa de procurar um gênero que não tenho na minha carteira de lançamentos. A Globo é uma grande parceira nessa busca por gêneros novos para o cinema. Quando falamos Globo, estamos falando do Estúdio Globo, de uma estrutura que também está disposta a correr riscos e fazer coisas não óbvias. Hoje, não existe lugar seguro no mundo. O que funciona são histórias que param de pé, conectam o público e proporcionam uma experiência cinematográfica.

A Paris Filmes está hoje em Gramado, no Festival do Rio e na Mostra de São Paulo, além de ter ampliado sua atuação internacional. O que a empresa representa atualmente no mercado e quais foram as principais transformações dos últimos anos?

Somos, há muitos anos, a maior empresa independente do

mercado de distribuição no Brasil. Hoje, somos também distribuidores de filmes internacionais em toda a América Latina. A Paris Filmes está no México, no Chile, na Argentina, no Peru e na Colômbia. Foi um movimento natural dos produtores, que não queriam mais vender direitos mercado a mercado. Para continuar tendo grandes projetos independentes, de orçamentos grandes, como “Jogos Vorazes” e “John Wick”, fui praticamente obrigado a me associar a distribuidores locais. Hoje, somos controladores desses mercados por distribuição. Fisicamente, estamos no México, no Chile, na Argentina e no Brasil, mas São Paulo coordena toda a operação. Por exemplo, estamos coordenando a vinda de Mel Gibson para o trabalho de divulgação de “Ressurrection” (a sequência de “Paixão de Cristo”).

A Paris também passou a investir de maneira mais direta na produção brasileira. O que levou a empresa a entrar nesse campo?

Quando comecei a participar mais do cinema nacional, percebi que havia um descompasso muito grande entre produtores que queriam fazer filmes para circular em festivais pelo mundo e distribuidores interessados em fazer receita no Brasil. Eu queria produto para o mercado brasileiro. “Cidade de Deus”, os filmes do Walter Salles e do Kleber Mendonça Filho são exceções que conseguem equalizar essas duas vontades. Então resolvi empreender. Começamos



Paula Melo

“Hoje, não existe lugar seguro no mundo. O que funciona são histórias que param de pé, conectam o público e proporcionam uma experiência cinematográfica”

pequenos, com projetos infantis, como “Carrossel” e “Detetives do Prédio Azul”, para uma audiência que o cinema brasileiro não estava atendendo, depois de tudo o que Os Trapalhões e a Xuxa fizeram de importante, sobretudo para a seara infantojuvenil. Hoje, nossa casa

tem vocação para cinema e produz de dois a três longas por ano.

Que projetos estão nesse horizonte de produção?

Este ano vamos lançar “Minha Vida Com Shurastey”, de Diego Freitas. Temos ainda “As Dez Van-

tagens de Morrer Depois de Você”, com a Any Gabrielly e a Giulia Be. Estamos ainda em pré-produção de “Leonardo” sobre a história do cantor Leonardo.

E como a Paris equilibra esse investimento em filmes de mercado com obras de menor potencial comercial?

Continuamos sendo coprodutores ou distribuidores de projetos de que gostamos. No ano passado distribuí “Manas”, e vou lançar filmes como “Aroma de Pitanga”, produzido pela Vânia Cattani, com o Wagner Moura (baseado em “Gosto de Cereja”, que deu a Palma de Ouro a Abbas Kiarostami), e o novo filme da Anna Muylaert, o “Geni e o Zeppelin”. Também gosto de filmes que têm uma limitação menor de lançamento, porque fazemos cinema para cinema mesmo. Uma das coisas que mais me orgulha é continuar sendo cinéfilo nas minhas decisões. Recentemente comprei (o épico espanhol) “Bola Negra”, em Cannes. Fui assistir, gostei, falei com o produtor, ele aceitou minha oferta e comprei. Quando voltei ao escritório, contei para a diretoria. Ainda nem sabia o que faria com o filme, mas eu gostei dele. Que graça teria trabalhar com cinema se eu não pudesse continuar fazendo essas loucuras?

Você está há cerca de 30 anos na Paris e fala em competir pelo público com os grandes estúdios. Qual é o desafio que move sua atuação hoje?

Sou controlador da empresa hoje, e nosso desafio é ser a maior produtora de filmes de mercado no cinema brasileiro, em termos de bilheteria. Meu primeiro trabalho é competir no share (compartilhamento) de mercado. Eu sou louco para tomar ingresso dos americanos. Se o mercado vender 100 milhões de ingressos ou 10 milhões, meu trabalho é tirar ingresso deles. Tirar ingresso do “Homem-Aranha”, tirar ingresso de qualquer filme americano. É uma loucura falar isso, mas eu sou levado mesmo. O que dá resultado de verdade é “John Wick”, claro, mas por que não tentar também levar o público para filmes brasileiros em que acreditamos?

Qual foi o filme que fez você se apaixonar pelo cinema?

“Gandhi”

E qual é aquele filme a que você volta quando precisa reencontrar essa paixão?

“Meia-Noite Em Paris”.

Latido autoral

reabre Gramado para a Pangeia hispânica



Sensação da Quinzena de Cannes, 'La Perra', da chilena Dominga Sotomayor, com Selton Mello no elenco, revive o tempo em que o festival gaúcho lançava longas estrangeiros



'La Perra' leva o cinema do Chile para o encerramento de Gramado

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Entre 1992, em meio ao estrangulamento de nossa produção cinematográfica decorrente do fim da distribuidora Embrafilme, e 2019, o Festival de Gramado contou com o aporte hispano-americano, somado a um ou outro concorrente de Portugal ou da África lusófona, para manter suas telas iluminadas sob uma perspectiva cosmopolita.

"El Despertar de Las Hormigas" (Costa Rica), de Antonella Sudassassi Furnis, foi o último título do exterior a vencer o evento. Em seus 27 anos de marcha para o mundo, produções aclamadas lá fora passaram pela Serra Gaúcha, como os peruanos "Pantaleão e as Visitadoras" (em 2000) e "A Teta Assustada" (em 2009), o argentino "O Filho da Noiva" (em 2002) e o uruguaio "Whisky" (em 2004).

Desde a pandemia, houve uma paralização desse tráfego, que, numa

contrapartida, assegurava visibilidade para os títulos nacionais em outros países do continente. Em 2026, contudo, graças a uma ajudinha da produtora paulistana RT Features, um filmaço do Chile, premiado em Cannes, em maio, fará sua primeira projeção no Brasil em território gramadense: "La Perra", de Dominga Sotomayor. Selton Mello é parte de seu elenco. A sessão será nesta sexta-feira (21), agendada como exibição de encerramento das atividades da maratona cinéfila do Sul.

"As telenovelas brasileiras foram muito populares no Chile quando eu era jovem. Lembro-me de uma canção de que gostava. Era intuitivo: uma canção brasileira de uma novela", disse Dominga em Cannes. "Depois o Rodrigo (Teixeira, cabeça e coração da RT) perguntou em quem eu estava pensando para compor o elenco. Como ele é brasileiro, sugeri Selton Mello. Eu disse: 'Claro'. Tinha visto recentemente 'Ainda Estou Aqui', onde ele interpreta o homem que desaparece (o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva). O Selton conhecia o meu



Selton Mello integra o elenco de 'La Perra', que a cineasta chilena exhibe agora em solo brasileiro

trabalho, gostou do argumento e tudo aconteceu de forma muito natural. Foi muito generoso, porque é uma personagem pequena, mas muito central no drama. Ao mesmo tempo, ele é quem é. Foi interessante: ele estava na ilha e ninguém o conhecia. Havia algo quase meta nisso, um ator famoso numa ilha onde ninguém sabe quem ele é".

Um dos filmes mais recentes – e mais potentes – de Dominga, "Limpia", nunca lançado em salas ci-

nemas por aqui, acaba de se instalar na Netflix, ampliando seu prestígio, às vésperas da passagem de "La Perra" por Gramado. A diretora entrou de vez pro time de grandes autoras do cinema latino ao faturar o prêmio de Melhor Direção no Festival de Locarno, em 2018, com "Tarde para Morrer Jovem", longa que também disputou o Leopardo de Ouro representando o Chile, país onde nasceu, em 1986.

"Acho que procuro naturalmente sistemas fechados. É a minha forma natural de tornar o mundo mais pequeno para poder observá-lo. Há também algo ligado à repetição. Os lugares funcionam como um sistema. Existe uma repetição nos planos da natureza, em vez de apenas seguir a personagem", disse a diretora.

No esperadíssimo "La Perra", Dominga assume como protagonista a solitária Silvia (Manuela Oyarzún), que vive em uma ilha remota no sul do Chile, onde resgata uma cachorra filhote. Ela batiza o animal de Yuri, o mesmo nome que escolheria para a filha que nunca teve. Esta união forma um vínculo

improvável que força Silvia a enfrentar ressentimentos profundos e revisitar relacionamentos rompidos, incluindo um trauma que se recusa a permanecer no passado.

Depois de Gramado, "La Perra" participa da seleção competitiva espanhola Horizontes Latinos, menina dos olhos do Festival de San Sebastián, no País Basco. "Limpia" começou sua carreira por lá, antes de estreiar no streaming. Sua excursão pela Espanha foi ovacionada.

Inspirado no best-seller de Alia Trabucco, "Limpia", que pode ser vista no www.netflix.com, começa com um tom delicado, lembrando aqueles filmes de "Sessão da Tarde" (tipo "Corina") na forma como observa a relação entre adultos e crianças. Ainda assim, vem sendo vendido como thriller psicológico — um rótulo meio forçado, já que o filme transita por vários caminhos. O suspense aparece pontualmente. A pressão se faz notar numa cena envolvendo a mordida de um cachorro e num desfecho que faz eco ao "Parasita" (2019), de Bong Joon Ho, vencedor da Palma de Ouro e de quatro Oscars. A ponte entre os dois está no retrato do trabalho doméstico dentro de uma casa rica — aqui, visto a partir da rotina de uma babá que tenta encontrar algum prazer na própria vida.

Estela, vivida por María Paz Grandjean (num papel que pode colocá-la em outro patamar na carreira), ganha a vida correndo atrás de Julia (Rosa Puga Vittini), uma menina de seis anos cheia de energia, filha de uma família abastada. O pai, médico, vive arrumando justificativas "humanistas" pra suas ausências, sempre apoiado no juramento profissional, o que acaba empurrando Estela a ficar mais tempo no trabalho e adiar a própria vida. Ao mesmo tempo, ela carrega a angústia constante com a mãe idosa, que ficou numa cidade distante. Mesmo assim, cria um vínculo forte com Julia — muito além do que o salário pagaria. No meio disso tudo, ainda encontra algum respiro na presença de um cachorro fujão, Daddú, e no interesse amoroso de um frentista com jeito de galã.

"Já tinha trabalhado com crianças e com cães antes de 'La Perra', mas nesse meu filme mais recente, a cadela era uma personagem principal. E não era uma cadela treinada. Desde o início decidimos que iríamos trabalhar com uma cadela adotada de um abrigo. Encontramos a Judy. Visitei três abrigos e pensei: 'É esta.' Adotamo-la com duas pessoas que trabalham comigo com cães, especialistas. Decidimos que seria ela. Agora vive com uma família", diz Dominga, que saiu de Cannes com a Palm Dog, prêmio entregue à sua estrela de quatro patinhas. "Foi interessante esse processo porque os treinadores tinham muita experiência, mas esta cadela era louca, muito jovem, sempre a correr. Fazer um único plano da cara dela era quase impossível, porque estava sempre a se mexer".



Divulgação

Uma mirada infantil sobre os espectros que rondam a violência colonial alimenta 'Nosso Segredo' de lirismo



O barato de Grace

Signo de boa atuação, estrela mineira estreia na direção de longas com 'Nosso Segredo', drama antirracista em tom fantástico que esteve na Berlinale e pode virar o placar do Kikito

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Escalada para representar o Brasil na briga pelo prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián, na Espanha, em setembro, como protagonista de "A Professora de Francês", a mineira Grace Passô é mais forte concorrente ao Kikito de Melhor Direção num Festival de Gramado que acolhe sua estreia no posto de cineasta. "Nosso Segredo" - com lançamento marcado para o próximo dia 27 - é uma nova conquista num percurso artístico de força imparável, que começou a alcançar notoriedade estrangeira com "Temporada", em 2018.



Divulgação

A atriz, dramaturga e (agora) também cineasta Grace Passô

“Tenho uma espécie de pacto comigo mesma: fui passando por várias funções — comecei como atriz, depois fui estudar, dirigir, escrever — sempre guiada por uma intuição, por imagens e formas que surgem na minha cabeça” GRACE PASSÔ

Ali, o mérito era todo de suas múltiplas destrezas para interpretar. Agora, o que está em jogo é sua investigação dos caminhos da realização. A curiosidade da atriz e dramaturga nesse campo cativou a

Berlinale, na Alemanha, que a convocou para a mostra competitiva Perspectivas.

Na Europa se depositaram aplausos, elogios, consagração em variadas línguas e a certeza de que

"Nosso Segredo" é aquele tipo de "filme de estreante" que nasce inescutível. Depois, em abril, foi a vez do BAFICI – Festival Internacional de Buenos Aires, de onde saiu igualmente contemplada por resenhas cheias de entusiasmo. Agora, contudo, o jogo agora é em casa, já que Gramado, embora tenha todo o espírito da Serra Gaúcha, vira um microcosmos de Brasil em seus dias de corrida pelos Kikitos.

"Tenho uma espécie de pacto comigo mesma: fui passando por várias funções — comecei como atriz, depois fui estudar, dirigir, escrever — sempre guiada por uma intuição, por imagens e formas que surgem na minha cabeça", explicou Grace ao Correio da Manhã, no Bafici, ao fim de sessões lotadas de "Nosso Segredo". "Como este é o meu primeiro longa, esses limites ainda não são muito nítidos pra mim. É tudo muito misturado. Mas percebo que há um trânsito, no filme, entre um pseudorealismo e um modo de incorporar o surreal. Isso, sem dúvida, vem da minha vivência no teatro. Para mim, o teatro não é uma arte realista. Ele opera com outros códigos, com outro tipo de verossimilhança".

Antes de "Nosso Segredo" pousar no Rio Grande do Sul, o miocárdio de Gramado estava pleno nas mãos de "Feito Pipa", do cearense Allan Deberton, com um carinho infável pela atuação de José Loreto em "Chorão: Só Os Loucos Sabem". Parece que as especulações mudaram. O barato agora é Grace. Sua estética conversa com chagas ancestrais.

Uma das intérpretes de maior prestígio do teatro e do cinema brasileiro no século XXI, famosa pela trajetória nacional da peça "Vaga

Carne", Grace se consolida num novo front de criação, ao realizar. Não há boca em solo gramadense que não se encante com o filme de trilha sonora estonteante (composta por Amaro Freitas) esculpido entre luto, lágrimas e lama (ligada a um surpreendente signo animal) a partir de reescrita de "Amores Surdos", texto teatral de autoria da própria Grace. A fotografia dionisiaca de Wilssa Esser assegura a "Nosso Segredo" um aspecto crepuscular. Seu enredo mistura finitude, recomeço e perenidade. Nele, uma família que tem vivências variadas do racismo e de outros mecanismos de exclusão luta para reconstruir sua rotina após a perda recente da figura paterna. Enquanto cada um dribla a dor à sua maneira, o filho caçula guarda um mistério que transcende as bordas do que é crível.

"As grandes tragédias que atravessaram as comunidades negras foram enfrentadas muito por meio do afeto, do amor — sem romantizar — e também por organização e espiritualidade. Existe uma força coletiva muito grande aí. As famílias negras sobreviveram à miséria e à violência se unindo nos momentos difíceis. Isso me marcou muito desde a infância. Essa ideia de esperança vem desse lugar: de como conseguimos sobreviver juntos a uma história tão dura. Tem uma imagem que eu adoro: na casa da minha infância, onde 'Nosso Segredo' foi filmado, havia um portão muito emperrado. Ninguém consertava, mas, ao mesmo tempo, era preciso juntar todo mundo da família pra conseguir abrir. Isso virou uma metáfora muito forte pra mim. Essa união diante do problema, essa necessidade de estar junto, é algo que está muito presente no meu filme", explicou Grace.

Na competição de documentários, as realizadoras Susanna Lira e Sabrina Fidalgo (em dupla com Yvan Rodic) apresentaram os longas mais inflamáveis de Gramado este ano, na forma de abordar as inadiplências do estado diante dos direitos individuais do povo: "O Projeto" e "Gonzaguinha, Da Maior Liberdade". Cada um a seu modo - um falando contra o racismo e o outro, a falar de censura, nas artes -, esses longas incendiaram o Palácio dos Festivais, dando um status de autoralidade a suas criadoras. Isso não significa que - tal qual se passa agora com "Nosso Segredo" -, o placar documental não possa ser mudado, em função do fluxo em forma de transe de "Empeleitada" (PE). Esse experimento metafísico de Micaele Xukuru, Chico Luder-mir e Sergio Borges segue a construção coletiva de uma casa de taipa uma forma de dar corpo à memória do povo indígena Xukuru. Uma morada nascida da terra, da luta e dos encantados, o curta transforma o gesto de construir em ato de permanência, pertencimento e transmissão de memória.

Vejamos que escolhas o júri há de fazer.

Renovação gaúcha na tinta bruta da invenção

Atento aos talentos que renovam o legado regional de Jorge Furtado, Otto Guerra & Cia., Gramado dá prêmio honorário à estética queer de Marcio Reolon e Filipe Matzembacher



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pensou Gramado, pensou na força do cinema gaúcho, que, nos anos 1980, exportou uma série de talentos para as telas dos demais estados, como Ana Luiza Azevedo, Giba Assis Brasil, Carlos Gerbase e Jorge Furtado, que volta às salas de projeção, na próxima quinta-feira, com “Muito Prazer”. Outro divo do estado, Otto Guerra, mais importante animador desta pátria, corre o mundo com “O Filho da Puta”, longa que projetou no prestigiado Festival de Annecy, há cerca de dois meses.

A fim de celebrar uma excelência que criou um legado regional invejado até no eixo mais hegemônico, RJ x SP, à força de cults como “Ilha das Flores” (1989), o audiovisual do Rio Grande do Sul tem premiações paralelas em seu festival mais consagrado. No domingo passado, Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa venceram a competição Curtas Gaúchos com “Grão”. É a



Divulgação

‘Meu Famoso Pai Desconhecido’ pode vencer a competição gaúcha de 2026

“A gente tenta pensar esse espaço do Rio Grande do Sul, da cultura gaúcha, através da nossa perspectiva, do momento em que a gente foi criado, de onde a gente vem socialmente e dos conflitos que percebemos ao nosso redor”

FILIFE MATZEMBACHER

saga da solidão de um catador de soja extraviada.

Nesta sexta, véspera de as atividades gramadenses chegarem ao

fim, será anunciada a premiação da disputa de Longas Gaúchos, tendo como favorito o.doc “Darcy Fagundes: Meu Famoso Pai Desconhecido”, de Luciane Fagundes. Haverá ainda a entrega de honrarias que celebram a prata da casa, como o Prêmio Iecine Inovação. Essa láurea vai coroar o que, há cerca de uma década, é o veio mais reluzente de invenção na filmografia sulista com CEP no RS: a dupla Filipe Matzembacher e Marcio Reolon.

A consagração deles coincide com a chegada do longa mais recente desse duo, “Ato Noturno”, ao streaming, na Apple TV. A produção estreou na Berlinale, que vem acolhendo tudo deles, desde “Beira Mar” (2015), vencedor da mostra Novos Rumos do Festival do Rio. Reolon e Matzenbacher foram co-

roadados ainda na Première Brasil de 2018 por “Tinta Bruta”, que deu a eles o Teddy no Festival de Berlim. Porto Alegre é mais do que cenário nos filmes de tons queer que eles fazem. É uma espécie de organismo dramático, capaz de acolher, seduzir e ameaçar seus personagens. Em “Ato Noturno”, thriller afetivo de pulsão erótica, a cidade é filtrada pelo imaginário noir. O resultado é uma história sobre desejo, fama, risco e repressão, acompanhando um jovem ator e um político que mantêm uma relação secreta e descobrem compartilhar o fetiche por sexo em espaços públicos.

“A gente tenta pensar esse espaço do Rio Grande do Sul, da cultura gaúcha, através da nossa perspectiva, do momento em que a gente foi criado, de onde a gente vem socialmente e dos conflitos que percebemos ao nosso redor”, explica Matzembacher. “Somos cinéfilos, cada um com sua predileção” explica o diretor, citando (num tom tiete, de fã) um policial brasileiro de Miguel Faria Jr., “República dos Assassinos” (1979). “A personagem vivida pelo Anselmo Vasconcellos (Eloína) é a maior femme fatale do cinema brasileiro”.

Reolon complementa que mostrar o Estado também significa assumir a diversidade como matéria cinematográfica. “Para a gente sempre foi muito importante mostrar as paisagens do nosso Estado e o sotaque”, afirma. “Eu e o Filipe trabalhamos juntos há muitos anos, então criamos uma dinâmica de muita colaboração. A gente não divide tarefas, fazemos tudo juntos”. Os próximos projetos incluem um western a ser filmado no interior do Rio Grande do Sul e um terror dramático.

Belmonte se põe de joelhos à excelência

Caixinha de surpresa, o prolífico cinema de José Eduardo Belmonte (“Alemão”) já rendeu ao cinema algumas joias (“Gorila”, “Se Nada Mais Der Certo”) em sua imparável produtividade, ao devassar códigos morais de uma sociedade craque em ser hipócrita. Só não se esperava que ele devassasse o neopentecostalismo brasileiro – indo aos intestinos do sistema digestivo das crenças evangélicas – com a contundência que faz em “Justino – Nos Bastidores do Reino”.

É uma adaptação dos relatos literários do ex-pastor e escritor são-gonçalense Mário Justino,



Edson Vara/Aq. Pressphoto

que é interpretado por Christian Malheiros. Mais frenético do que em seu discurso fílmico habitual,

Belmonte usa um nome fictício para falar da Igreja Universal e transforma um Caio Blat na raia

do assombro num alter ego de Edir Macedo. Ao cair nas lábias de pegadores, num momento de

selvagem segregação entre os racistas de sua escola e de cansaço em relação à brutalidade de seu pai (Antonio Pitanga), Justino encontra abrigo na Palavra de Nosso Senhor.

Seu erro foi se deixar encantar por uma pregação capitalista da Bíblia. Numa montagem pausada pela visceralidade, feita por André Finotti e o próprio realizado, o longa encontra na figura da estrela de stand-up trans (mas chamada no roteiro de travesti) Danuza, personagem de Onna Silva, seu grande eixo de empatia. É uma presença que iluminou Gramado. (R. F.)

Christian Malheiros na travessia do tapete vermelho de Gramado antes de exibir ‘Justino’

SEXTOU! UM DF DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

TEATRO

Festival Brasileiro de Teatro

✱ Brasília recebe, até 23 de agosto, a 6ª edição do Festival Brasileiro de Teatro de Terreiro, encontro que reúne artistas, mestras e mestres de regiões do país. A programação ocorre no Centro Tradicional de Invenção Cultural, na 813 Sul, com apresentações, rodas de conversa e atividades que aproximam teatro, circo, mamulengo, palhaçaria, bois, ritmos tradicionais e a mitologia cerratense. O festival é realizado pelo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, com fomento do Ministério da Cultura. A programação termina em 29 de agosto, no Ilê Axé Oyá Bagan, no Paranoá, com a Orquestra Alada Trovão da Mata.

“A Árvore”

✱ A atriz Alessandra Negrini estreia em Brasília o espetáculo “A Árvore”, solo de sua carreira. Na montagem, ela interpreta A., mulher que, após ganhar uma planta, fica presa ao vegetal por um fio de cabelo e passa a observar o corpo se transformar. Com texto de Silvia Gomez e direção de Ester Laccava, a peça será apresentada de 27 a 30 de agosto, no Teatro UNIP, na 913 Sul. As sessões ocorrem de quinta a sábado, às 20h, e domingo, às 19h. Os ingressos custam a partir de R\$ 25 e estão à venda pela internet. A peça passou por São Paulo, Recife, Fortaleza, São Luís, João Pessoa e Salvador no país.

Imersão poética

✱ A multiartista brasiliense Micheli Santini apresenta “Coleção Insignificante de Coisas Luminosas”, monólogo que reúne vozes de pessoas e pássaros em extinção para refletir sobre memória e meio ambiente. O espetáculo-passeio ocorre no Jardim Botânico de Brasília, nos dias 20 e 21 de agosto, às 9h e às 15h. A sessão aberta ao público será em 21 de agosto, às 15h, com entrada gratuita e retirada antecipada pelo Sympla. A montagem tem tradução em Libras e audiodescrição e é livre para todos os públicos. O projeto é realizado com recursos do FAC/DF.

PROJETO

Encontro de Artes

✱ O Encontro de Artes do Lago Oeste reúne, de 5 a 27 de setembro, oficinas e apresentações gratuitas de dança, ci-



Divulgação

Festival Brasileiro de Teatro de Terreiro



Divulgação

Espectáculo gratuito promove imersão poética

nema, música, circo e teatro na sede da Asproeste. A programação ocorre aos fins de semana e inclui Feira de Produtores do Lago Oeste. O projeto também oferece transporte gratuito entre a Rodoviária do Plano Piloto e a Asproeste. As atividades terão recursos de acessibilidade, como Libras, audiodescrição e legendas descritivas.

Arte e educação ambiental

✱ Cerca de 2 mil estudantes da rede pública de Samambaia, Ceilândia e Taguatinga participam, até 28 de agosto, do projeto “Com Cultura e Com Afeto

– Arte e Conscientização”, realizado pela Associação Imaginário Cultural. A iniciativa promove 20 visitas guiadas ao Parque Três Meninas, em Samambaia, com teatro, atividades educativas e contato com a natureza. As ações abordam preservação do Cerrado, reciclagem e coleta seletiva. O projeto também oferece formação gratuita.

Cultura em Planaltina

✱ Planaltina (DF) recebe, em 30 de agosto, a 4ª etapa do Educativa Espaços Museais. O encontro será realizado no Pé Vermelho - Espaço Contemporâneo,



Divulgação

Daniel Toys celebra nova fase artística

às 17h, com entrada gratuita. A atividade terá uma roda de validação e escuta participativa sobre o material de educação patrimonial produzido com moradores e agentes culturais locais. O projeto é realizado pela Simpoiese Projetos Culturais, com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

Reunião de carros

✱ O Alameda Shopping recebe, em 23 de agosto, mais uma edição do encontro promovido pelo Garage Nutallo. O evento reúne exposição de veículos e

atividades voltadas ao universo automotivo, das 10h às 22h. A programação também terá uma campanha de arrecadação de alimentos, que convida os participantes a contribuir com a ação. O encontro é aberto ao público.

4º Encontro de Mestras

✱ A Coletiva Casa Moringa realiza, no dia 22 de agosto, o 4º Encontro de Mestras e Griôs, no Batalhão das Artes, em Taguatinga Norte. A programação ocorre das 14h às 21h e reúne 12 mestras e griôs da rede da Casa Moringa para uma roda de

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Associação Nacional de Arte e Tecnologia lança dois livros



Alessandra Negrini em "A Árvore"



As Fulô do Cerrado lançam 'De Rio a Rua', o primeiro álbum



Tarde de circo



Encontro de Artes do Lago Oeste com dança, cinema e música

saberes sobre identidade, memória, legado e mulheridades. O evento tem entrada gratuita, com vagas limitadas para a roda da tarde e apresentações culturais à noite.

Tarde de circo e brincadeira

✱O Centro Cultural Banco do Brasil Brasília recebe, em 22 de agosto, o espetáculo do palhaço Seu Cocó, criado e interpretado por Pedro Caroca. A apresentação ocorre às 16h, nos jardins do CCBB, com jogos, músicas, adivinhas e cantigas de roda. A atividade integra o Rolê Cultural – CCBB Educativo e tem classi-

ficação livre. Em 16 de agosto, o projeto promove brincadeiras de rua, como amarelinha, pular corda e corre-cotia. As ações são gratuitas.

Teatro, música e poesia

✱A programação cultural desta semana reúne teatro, música e cultura popular em diferentes regiões do Distrito Federal. Entre os destaques estão o Teatro Lambe-Lambe na Rota do Sol, na Biblioteca Braille Dorina Nowill; Elogio da Loucura, com Leona Cavalli, na CAIXA Cultural Brasília; e O Figurante, com Mateus Solano, no Teatro Royal

Tulip. Na música, a Casa do Cantador recebe encontros de RAP e repente, enquanto Jope Chaves apresenta seu primeiro EP autoral em Sobradinho.

EXPOSIÇÃO

Daniel Toys em nova fase

✱O artista Daniel Toys apresenta, até 27 de setembro, a exposição "O Que Nos Habita – Uma Cartografia Afetiva", na Galeria Rubem Valentim, no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, em Brasília. Com entrada gratuita, a mostra reúne obras inéditas que utilizam casas,

trens e corações como referências para abordar memória, pertencimento e deslocamento. A visitação ocorre de terça a domingo, das 10h às 20h. A exposição conta com uma coleção de itens autorais produzidos em edições limitadas.

MÚSICA

As Fulô do Cerrado

✱Após 10 anos de trajetória na cena musical de Brasília, As Fulô do Cerrado lança o primeiro álbum autoral, "De Rio a Rua". O trabalho reúne 10 faixas que misturam o forró a ritmos e tradições da cultura popular brasileira. Formado por mulheres, o grupo surgiu em 2016 e tem influência do forró de rabeça e do forró de pife. O álbum está disponível nas principais plataformas digitais.

LIVRO

Arte, memória e identidade

✱Duas publicações que abordam arte, memória, identidade

e território serão lançadas em 22 de agosto, no S4 Hotel Águas Claras. "Dentro, Fora, em Torno do Armário: arte, existência e resistência", de Fernando Pericin, e "Lugares móveis: Cartografias de si e de mundos e a invenção de heterotopias", de Lynn Carone, serão apresentados em evento gratuito, das 14h às 17h30. A programação inclui mesa-redonda com os autores, mediação de Robson Castro e intérprete de Libras.

Memória e identidade

✱Lynn Carone e Fernando Pericin lançam, em 22 de agosto, livros que abordam arte, memória e identidade. O evento ocorre das 14h às 17h30, no S4 Hotel Águas Claras, com entrada gratuita. A programação inclui a mesa-redonda "Lugares Móveis e Possíveis", com participação dos autores e mediação de Robson Castro. Haverá interpretação em Libras, além de exemplares em braille e versão falada. O público poderá doar alimentos ao Instituto Barba na Rua.

‘Eu sou várias vozes, várias interrogações’

Portuguesa Carminho traz ao Vivo Rio a turnê de lançamento de seu álbum mais arrojado

AFFONSO NUNES

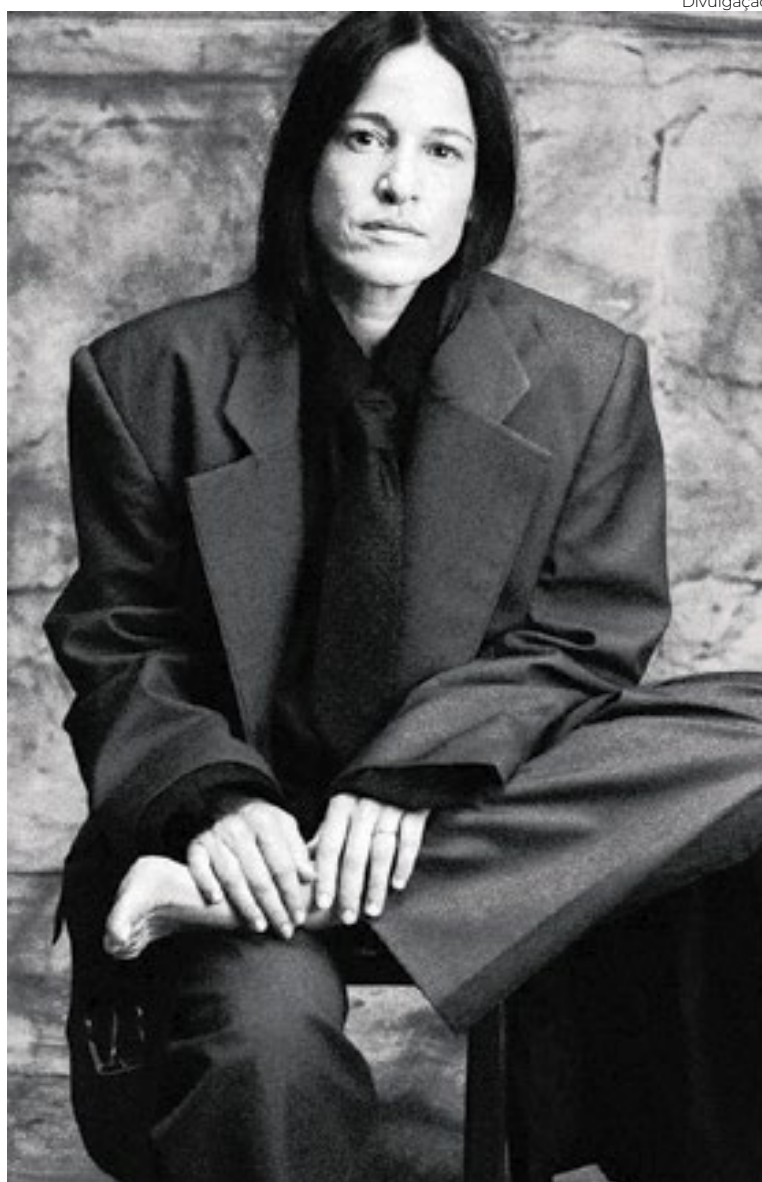
O vocoder não costuma frequentar o fado. Tampouco o cristal baschet ou as ondas martenot — instrumentos que parecem ter escapado de um laboratório eletrônico. Mas é esse o território sonoro que Carminho adotou em “Eu Vou Morrer de Amor ou Resistir” (Sony Music), sétimo álbum de sua carreira, gravado em Lisboa e lançado em outubro passado. Nesta sexta (21), a fadista chega ao Vivo Rio com a turnê do disco, num espetáculo de cenografia inédita que apresenta ao público brasileiro sua obra mais arrojada.

De oito das onze faixas, ela é autora. O repertório mergulha em poemas ambíguos e sentimentos plurais para expandir o fado sem romper com suas raízes. “Busquei em poemas mais ambíguos e em sentimentos mais plurais o meu interesse na interpretação”, afirma. A poeta Ana Hatherly (1929-2015) inspira “Balada do país que dói”, na qual guitarra portuguesa, melotron e vocoder — operado pela própria Carminho — costumam tradição e experiência sonora. Em “Saber”, Laurie Anderson sussurra

versos em inglês sobre a poesia de Hatherly, criando um contrapon-to entre duas vozes e dois idiomas. “Sofrendo da alma”, sobre versos de Amália Rodrigues, ancora o disco na matriz do gênero. E “Canção à ausente”, de Pedro Homem de Mello, canta a espera e a ausência amorosa.

“Não é uma necessidade de mudança, nem uma pretensão de mudar o fado”, revela a cantora. “Procuro algo que eu goste de ouvir e que continue a fazer sentido para mim, dentro do gênero musical que é o meu. Existe essa adrenalina de procurar os limites da linguagem”, completa.

Como registramos aqui no Correio quando o álbum saiu, o título nasceu de um poema de Antônio Campos Monteiro, encontrado entre manuscritos que Carminho recebeu de Beatriz da Conceição. “Esse poema traz a ambiguidade que eu procurava e a vertigem que me encantou nesta ideia de que se morre muito de amor no fado, mas há sempre a hipótese de resistir”, disse então. “Eu sou várias vozes, várias interrogações. É importante que não haja uma só verdade dentro de nós.” O disco surge na continuidade de “Portuguesa” (2023) e “Maria”



Divulgação

Carminho: ‘Busquei em poemas mais ambíguos e em sentimentos mais plurais o meu interesse na interpretação’

(2019), álbuns nos quais, segundo a fadista, surgiram perguntas e a vontade de explorar regiões de sonoridade que o fado tradicional

ainda não tinha visitado. Conta ainda com a participação de Mário Laginha.

A presença feminina atravessa o

trabalho de ponta a ponta. Carminho reconhece a influência da mãe, Teresa Siqueira, de Beatriz da Conceição, Amália Rodrigues, Wendy Carlos e Annette Peacock — mulheres cujas vozes e trajetórias abriram caminho. “Neste trabalho, fui muito inspirada pela mulher, pela ideia de que a mulher ocupa um lugar central como intérprete, mas que existem muitas narrativas paralelas, mesmo ambíguas, dentro da própria mulher”, afirmou ao lançar o disco. “Ao continuar nessa jornada, por si só, a voz feminina já é um ato de resistência.”

A ligação com o Brasil permanece intensa. No repertório do show, “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque, convive com “Chuva no Mar”, dueto com Marisa Monte. A admiração pela nova geração da MPB é declarada: Agnes Nunes, Marina Sena, Ana Frango Elétrico, Dora Morelenbaum, Silva, Tim Bernardes, Jota-pê e Zé Ibarra — “Há muita gente fazendo um trabalho muito bonito.” Do público brasileiro, diz: “É um público muito carinhoso, fiel, que se expressa imensamente. Uma das maiores alegrias que tenho ao saber que vou tocar no Brasil é me reencontrar com muitos amigos.”

SERVIÇO CARMINHO

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo) | 21/8, às 21h
Ingressos entre R\$ 80 a R\$ 320

Kleiton, kledir... e Vitor

Irmãos Ramil estreiam no Rio o show que celebra seus sucessos, memórias e ecos dos Beatles

Kleiton Ramil, o mais velho, amava os Beatles bem mais do que os Rolling Stones. Kledir, logo atrás, seguia o mesmo instinto. Vitor, o caçula, nasceu em 1962, quando o quarteto de Liverpool já estava em cena há dois anos, herdou a devoção. Não por acaso, “You’ve Got to

Hide Your Love Away”, de Lennon e McCartney, figura no repertório do encontro que os três irmãos promovem neste sábado (22), às 21h, no Vivo Rio — a primeira vez que sobem ao palco como trio na cidade.

Nascidos em Pelotas (RS), os Ramil integram uma das famílias mais musicais do país. Kleiton e Kledir iniciaram a trajetória discográfica em 1975, com a banda Almôndegas, marco fundamental do pop gaúcho. Vitor, ainda adolescente nesse tempo, dava os primeiros passos como compositor dentro de casa, entre ensaios e canções que moldavam o ar que respiravam.

O espetáculo celebra os 50 anos



Divulgação

O caçula Vitor e os irmãos Kleiton e Kledir: álbum ao vivo chega em setembro

desse início — e traduz, em vozes, violões, violas, violino e cuatro venezolano, a herança afetiva e artística de quem cresceu ouvindo Crosby, Stills and Nash, Cat Stevens, Simon and Garfunkel, além da música popular brasileira e das sonoridades

que chegavam além-fronteira, uruguaias e argentinas.

A turnê começou em junho de 2025, no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre, passou por Pelotas e Belo Horizonte, e em março deste ano voltou à capital gaúcha para registrar o show em álbum e audiovisual, com lançamento previsto para setembro pela Biscoito Fino. O

repertório passeia pela fase dos Almôndegas, revisa sucessos da dupla Kleiton & Kledir — como “Deu pra Ti” e “Roda de Chimarrão” — e entrelaça o cancionário de Vitor, autor de “Estrela, Estrela” e “Foi no Mês que Vem”, canções já gravadas por Mercedes Sosa, Gal Costa, Milton Nascimento, Ney Matogrosso, Jorge Drexler e Adriana Calcanhotto, entre outros.

Mais recentemente, os três também partilharam o palco no projeto Casa Ramil, que reuniu filhos e sobrinhos — Ian, Gutcha, Thiago e João — em show e disco primoroso. O ritmo criativo do clã segue intenso, geração após geração.

SERVIÇO KLEITON, KLEDIR E VITOR RAMIL

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo) | 22/8, às 21h
Ingressos entre R\$ 110 a R\$ 380

Flávio Venturini
canta e celebra
50 anos de
estrada neste
sábado no
Circo Voador

AFFONSO NUNES

Flávio Venturini pertence a uma linhagem rara de compositores, aqueles que transformam suas criações em verdadeiros hits cantados pelo país inteiro. Aos 75 anos, o artista mineiro celebra meio século de estrada com uma obra que atravessa o tempo sem perder a luminosidade. Quem de nós nunca cantarolou lindezas como “Todo Azul do Mar”, “Nascente”, “Linda Juventude” e “Espanhola”? Neste sábado (22) apresenta no Circo Voador show da turnê que celebra esta trajetória brilhante.

Trajetória que se confunde com os momentos notáveis de nossa canção popular brasileira. Lá no começo da caminhada Flávio integrou O Terço, banda de rock progressivo cujo disco “Criaturas da Noite”, de 1975, é referência no gênero. Foi um dos artistas ativos do Clube da Esquina, o movimento que redesenhou a MPB a partir de Belo Horizonte, ao lado de Milton Nascimento, Beto Guedes e Lô Borges. Fundou o 14 Bis, grupo cujo primeiro álbum foi produzido pelo próprio Milton, e em 1982 estreou na carreira solo com “Nascente”, gravada em dueto com o Bituca. “Meu grande sonho era formar uma banda”,

Um hitmaker e 50 anos de sucessos



Divulgação

Flávio
Venturini:
cinco
décadas
de sucesso

relembra o compositor. Desde então, nunca parou de compor.

O show que agora chega ao Circo baseia-se no álbum “Minha História”, lançado em dezembro de 2025 pela Top Cat Produções em parceria com a Biscoito Fino. Produzido por Torcuato Mariano, o disco reúne onze faixas revisitadas com participações que refeltem a reverência que sua obra desperta entre colegas de ofício: Djavan, Ney Matogrosso, Frejat, Ivete Sangalo, Vanessa da Mata, Guilherme Arantes, Jota Quest, Ritchie,

Gloria Groove, Ana Cañas e Gabi Melim. “Acho que o relacionamento com os artistas proporcionou os melhores momentos deste projeto: eles chegaram com o peito aberto para cantar, trocar ideias, apoiar o meu trabalho”, disse Venturini sobre os duetos. A turnê, com direção geral de Jorge Espírito Santo, já passou por São Paulo e Belo Horizonte emocionando. Não podia ser diferente.

No palco, além das canções do novo disco, o mineiro entrega clássicos atemporais e a emocionada

interpretação de “Princesa”, canção escrita em 1982 para a esposa, a atriz Cintia Grillo, falecida de câncer em 2024.

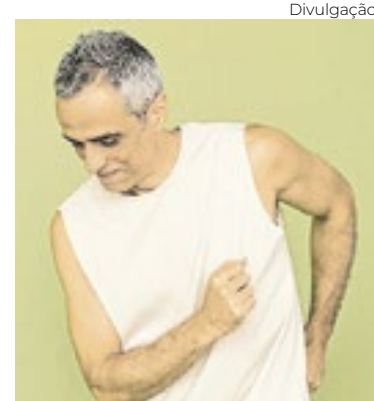
SERVIÇO

FLÁVIO VENTURINI

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

22/8, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia e ingresso solidário, válido com 1 kg de alimento)



Divulgação

Rodrigo Maranhão

Rodrigo Maranhão de volta à autoralidade

Depois de um período afastado do estúdio, a música o puxou Rodrigo Maranhão de volta. O resultado desse chamado é “O Amor e o Tempo”, sexto álbum da carreira, lançado em 28 de janeiro pela MPB em parceria com a Som Livre, e que agora chega ao palco do Manouche neste sábado (22), em apresentação única no Manouche.

Sua assinatura costuma aparecer nas entrelinhas da cena musical. Fundador do Bangalafumenga em 1998 — bloco que se tornou fenômeno de massa com repertório que vai do samba ao funk —, Maranhão construiu seu nome primeiro como compositor. “Caminho das Águas”, gravada por Maria Rita, lhe rendeu o Grammy Latino de Melhor Canção Brasileira em 2006. A estreia solo veio no ano seguinte, com “Bordado” (2007), álbum que reunia canções suas já conhecidas nas vozes de Maria Rita, Roberta Sá e Zélia Duncan e lhe valeu o Prêmio da Música Brasileira de revelação. Vieram depois “Mercado das Flores” (2022) e “Isso Não É Maranhão” (2024), este último um disco de intérprete. Agora, ele retoma sua interessante voz autoral.

“Em outros discos que fiz, queria as coisas do meu jeito, tinha muitas certezas, estava fechado no meu mundo acústico”, afirmou. “Nesse disco queria ser surpreendido. O disco é nosso.” O “nosso” inclui João Viana, que assina a produção musical e a bateria. A amizade veio antes da parceria. Viana acompanhou todo o processo pré-disco e, quando Maranhão se sentiu pronto para voltar, não havia outra escolha. “É muito importante para mim juntar competência e afeto”, disse o compositor. (A. N.)

SERVIÇO

RODRIGO MARANHÃO - O MAIOR E O TEMPO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — subsolo da Casa Camolese)

22/8, às 21h

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível ou livro para doação)

A ponte que levou João Gomes a João Gilberto (ou vice-versa)

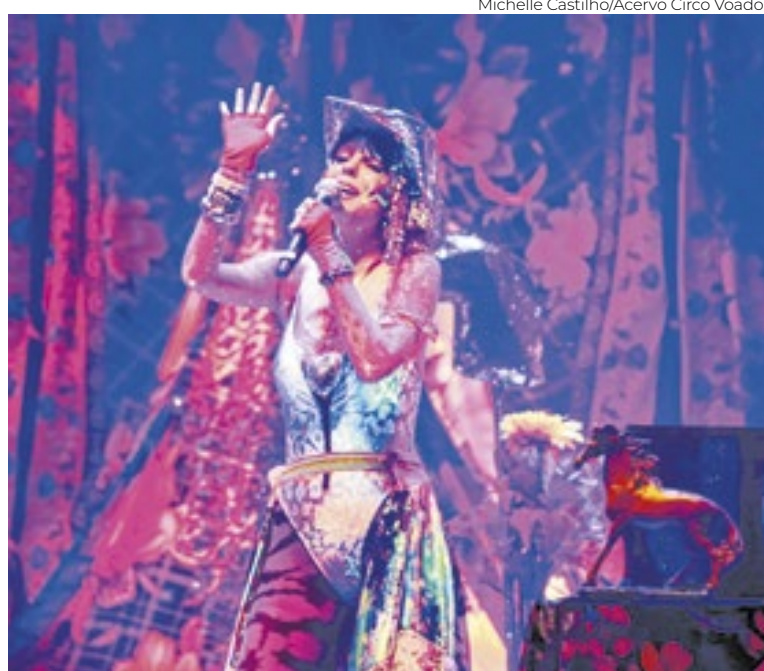
Mãeana encerra turnê que criou a ‘pisa nova’ nesta sexta no Circo Voador

João Gilberto nasceu em Juazeiro, na Bahia. João Gomes, em Petrolina, Pernambuco. Entre as duas cidades existe uma ponte cruzando o Rio São Francisco. Foi com a imagem dessa ponte que Mãeana concebeu o álbum “Mãeana Canta JG”, uma fusão inusitada da sonoridade do pai da bossa nova com o criador do piseiro. Depois de rodar Brasil e Europa por três anos, a turnê se encerra nesta sexta-feira (21), às 22h, em apresentação com ingressos esgotados no Circo Voador.

“Como já nasci ouvindo bossa

nova e tudo o mais que foi influenciado por ela, para mim, sempre foi natural. Mas nada me impactou tanto como o piseiro”, disse Mãeana em entrevista na ocasião do lançamento do trabalho em que o samba de Gilberto se reaproxima do bolero e o piseiro de Gomes encontra a vasourinha e o tambor.

Mãeana conta que o projeto nasceu de residência artística na Casa da Mãe, em Salvador. O resultado, batizado pela artista como “pisa nova” soa óbvio, mas só depois de ouvido.



Michelle Castilho/Acervo Circo Voador

Mãeana durante show da turnê na lona do Circo, em 2023

A despedida tem o trio Mana Flor na abertura, em seu primeiro show no Circo. O grupo mistura forró pé de serra e MPB desde 2008. A combinação promete noite que começa quente e termina em brasa. (A. N.)

SERVIÇO

MÃEANA CANTA JG

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

21/8, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos esgotados

O violoncelo encontra a batida de João

Às vésperas de gravar álbum, Fred Martins e Jaques Morelenbaum celebram a obra joão gilbertiana nesta sexta no Rival Petrobras

AFFONSO NUNES

Fred Martins conta que, quando começou a tocar violão, tentava imitar a batida de João Gilberto. Quase todo mundo que pegou num violão nos últimos sessenta anos tentou a mesma coisa e desistiu. Martins ele persistiu, fez da obsessão método. O cantor e compositor niteroiense radicado em Lisboa já gravou oito álbuns e orbita, desde sempre, o universo da bossa nova. Nesta sexta-feira (21), às 19h30, ele e o violoncelista Jaques Morelenbaum levam o espetáculo “Tributo a João Gilberto” ao Teatro Rival Petrobras. “Neste concerto, iremos mostrar várias das canções que me fizeram abraçar a música como principal forma de expressão”, diz Fred.

A parceria com Jaques nasceu na capital portuguesa em 2019.



Tiago Sousa/Divulgação

Fred Martins e Jaques Morelenbaum se apresentam em dupla com este repertório desde 2019

Desde então, os dois percorreram palcos da Europa, África e Américas, consolidando uma química musical. Violoncelista, arranjador e produtor, Morelenbaum passou uma década ao lado de Tom Jobim na Nova Banda, integrou o Quarteto Jobim Morelenbaum e gravou com Ryuichi Sakamoto o disco “Casa”, registrado na própria casa de Jobim. Foi arranjador de Caetano Veloso, Gal Costa, Marisa Monte e Sting.

No repertório, “Desafinado”, “Bim Bom”, “Insensatez”, “Você e eu” e “Brigas nunca mais” — além de composições autorais de Martins, como “O samba Me Diz” e “Zona Sul”, que travam um diálogo natural com a linguagem do homenageado, que transformou a relação entre voz, violão e silêncio.

O espetáculo está prestes a virar disco. Fred e Jaques entram em estúdio em fevereiro de 2027, a convite da Respect Record, gravadora japonesa especializada em música brasileira. Mas Fred avisa que o álbum não replicará o show — trará novas interpretações e canções inéditas inspiradas no universo criado pelo pai da bossa nova.

SERVIÇO

FRED MARTINS E JAKES MORELENBAUM - TRIBUTO A JOÃO GILBERTO

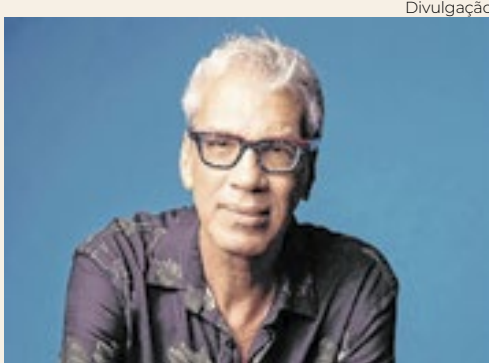
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, subsolo, Cinelândia)
21/8, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 60

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Um caldeirão com bossa, jazz, pop e MPB

O instrumentista Celso Fonseca se apresenta no Blue Note Rio neste sábado (22), às 20h e 22h30, acompanhado de sua banda. O espetáculo propõe um percurso pela bossa nova em diálogo com o jazz, a MPB e a música pop brasileira. No repertório, composições autorais e parcerias com Ronaldo Bastos, como Sorte, gravada por Gal Costa e Caetano Veloso, e Slow Motion Bossa Nova.



Divulgação

Qualistage recebe Daniel Boaventura

Após turnê bem-sucedida no México, o cantor e ator Daniel Boaventura volta ao Qualistage com o show “Em Casa” ao Qualistage neste sábado (22), às 21h30. O espetáculo mistura seus maiores sucessos com clássicos de Frank Sinatra, Elvis Presley e Barry White, além de canções inéditas. Com voz de barítono e presença marcante, o artista promete uma noite de forte interação com o público.



Marcos Hermes / Divulgação

Quarteto une música popular e de concerto

O Risco Quarteto leva o espetáculo “Cor da Corda” às Sextas Instrumentais, do Espaço BNDES, nesta sexta (21), às 19h. Em formação de quarteto de cordas com adição da rabeça brasileira, o conjunto interpreta composições próprias, arranjos criados em conjunto e canções de compositores estabelecidos. O programa dialoga com a música de câmara, as tradições populares e a música instrumental brasileira.



Daisy Serena/Divulgação

Luis Carlinhos celebra 30 anos de carreira

O cantor e compositor Luis Carlinhos completa 30 anos de carreira e 50 de vida com apresentação no Manouche nesta sexta (21). O show “Palco 30/50 Vida” percorre sua trajetória musical com canções do Dread Lion, banda de reggae ativa entre 1993 e 2001, dos álbuns “Rapa Da Panela” (2002), “Muda” (2008) e “Gentes Ao Vivo” (2013), e dos projetos em homenagem a Bob Marley e Peter Tosh.



Divulgação

CRÍTICA

TEATRO

|

O FILHO DAS MÃES

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Visionário, João Be-thencourt, um dos mais renomados comediógrafos e tradutores brasileiros, com inúmeros sucessos como a primeira montagem de “A Gaiola das Loucas”, “O Dia Que Raptaram o Papa”, um dos textos mais encenados no exterior, recebe nova montagem de “O Filho das Mães”, que muitos conhecem como “Circuncisão em Nova York”.

Com produção da Guilherme Delrio Realizações Artísticas, a nova montagem opta pelo título original. Mestre na composição de quiprocós, o autor arquiteta com sapiência uma de suas melhores comédias de costume.

Ao abordar a temática sobre relações homoafetivas há duas décadas, o escritor mantém sua obra atualizada, já que no momento muitas famílias vivenciam a circunstância. Uma família judaica conservadora, em Nova York, encontra-se perturbada diante da revelação de sua filha ao revelar sua gravidez por inseminação artificial, ao lado de sua esposa. Preconceito, tradição, mentiras, sentimentos truncados elaboram tumulto, pelo qual parentela e amigos são envolvidos. Até todas as verdades virem à tona, as personagens são abarcadas por um turbilhão de emoções, desvelando comicidade na medida certa.

A direção de Pia Manfroni é correta, sem alçar grandes voos. Delibera com parcimônia a balbúrdia que a dramaturgia lhe oferece, estabelecendo marcas que propiciam o

Balbúrdia

preconceituosa



Divulgação

bom andamento cômico.

Além do ótimo material dramático, o jogo estruturado entre Sergio Fonta e Jalusa Barcellos é o melhor que a montagem proporciona. O ator prioriza uma atua-

A direção de Pia Manfroni é correta: delibera com parcimônia a balbúrdia que a dramaturgia lhe oferece

ção discreta, porém firme, austera, como deve ser aquele chefe de família tradicional, mas concomitantemente imbuído de humor – diante de variações, verte-se em refinada jocosidade. A cena diante do amigo

Samuel em que, perplexo e incrédulo profere: “Não seja idiota”, denuncia sua expertise como intérprete. Por outro lado, a atriz tarimbada, vai na contramão do colega: abusa das tintas, desenhando com argúcia sua Sarah, desequilibrando-se, o que torna a personagem atraente e divertida. O casal equilibra a temperatura adequada para a desenvoltura cênica. Carlos Loffler brilha ao brincar em defender o outro avô, cuja teatralidade instaura-se nas interpretações de Celso André e Duio Botta, que investe contidamente no seu delicado Ralph. Menos teatral está Narjara Turetta, que poderia cuidar de sua emissão vocal. E Rose Scalco é inexpressiva.

O cenário e figurino de Augusto Pessoa são realistas, apropriadamente, realçando o vestido roxo de Sarah, que imprime beleza e teatralidade, durante a aliança de circuncisão. A iluminação de Juliana Amorim é clássica, sustenta quase todo o tempo aberta, focando-se às narrações de Miriam e aos telefonemas de Abraão e Sarah, já que estão em locais longínquos.

“O Filho das Mães” agrada o público, além de fazer rir propicia-nos a reflexão. O amor pode e deve permanecer acima de quaisquer conceitos, nos quais muitos arraigaram-se durante toda a vida.

SERVIÇO

O FILHO DAS MÃES

Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 — Ipanema)
Até 26/8, terças e quartas (20h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

N A R I B A L T A

POR AFFONSO NUNES



Renato Mangolin/Divulgação

Memórias e instabilidades

Em sua última semana no Sesc Copacabana, o espetáculo “Espaço Liso”, da multiartista Camila Moura, investiga a relação entre corpo e chão, questionando memórias, paisagens e instabilidades da superfície. Criado em 2024, após quatro residências artísticas, o projeto passou pela Bélgica, no centro de arte Buda, e contou com Adilso Machado, via Sesc Pulsar, Rômulo Galvão e Alice Ripoll. A obra articula dança contemporânea e circo, propondo reflexões sobre o movimento e a incerteza do solo como elemento cênico central.



Divulgação

A catarse na solidão

Em cartaz até domingo (23) na sede da Cia dos Atores, o monólogo “O Sonho de um Homem Ridículo” adapta a novela homônima de Fiódor Dostoiévski (1821-1881). Com Murici Lima no palco e direção de Anderson Rosa, a montagem mergulha no universo dostoiévskiano para abordar invisibilidade social, solidão urbana, a possibilidade de redenção e a urgência de empatia. A opção por uma encenação intimista aproxima o público da trajetória de um homem que, ao descer à própria solidão, encontra sua catarse.



Divulgação

Imitação e sobrevivência

Em cartaz até o dia 29 na Fundação Progresso, a peça “Comunicado a uma Academia”, com Patrícia Niedermeier, adapta o conto homônimo de Franz Kafka (1883-1924), publicado em 1917. A montagem investiga modos de existir em sociedade marcada pela coerção, normatização e perda de individualidade. Em cenário atravessado por guerras externas e internas, o espetáculo questiona o que resta do humano quando a imitação se torna condição de sobrevivência. O conto já inspirou montagens memoráveis, como a de Moacyr Goés em 1993, com Ítalo Rossi.

CRÍTICA LIVROS | VERTIGO

POR OLGA DE MELLO

A inspiração vertiginosa de Alfred Hitchcock

Alfred Hitchcock foi uma das poucas pessoas a ter seu nome transformado em adjetivo. No seu caso, para indicar um tipo determinado de suspense – charmoso, sutil, elegante, sarcástico. Até em seus mais atemorizantes filmes, com exceção, talvez, de “Frenesi”, a plateia sempre podia contar com o alívio cômico, nem que fosse apenas nas fugazes aparições do diretor em cena. O charme de suas criações, no entanto, não amenizava o perigo oferecido por um psicopata como Norman Bates, o patético vilão de “Psicose”, personagem humanizado por Hitchcock em sua brilhante adaptação do livro de Robert Block.

Em toda sua filmografia, Hitchcock primou pela escolha de excelentes histórias assinadas por mestres da época de ouro dos thrillers, como Patícia Highsmith (“Pacto sinistro”) e Cornell Woolrich (“Janela indiscreta”), além de romancistas de destaque na primeira metade do século XX, entre eles Daphne du Maurier, autora de “Rebecca”, cuja adaptação deu o único Oscar a um filme dirigido pelo cineasta. O romance da jovem recém-casa-



Hitchcock e James Stewart no set de ‘Um Corpo que Cai’, adaptação do livro

da com um milionário viúvo, cuja governanta tem obsessão pela preservação da memória da falecida patroa foi apontado como plágio de “A sucessora”, da escritora Carolina Nabuco, lançado em 1934, quatro anos antes de “Rebecca”. Alheio à polêmica, Hitchcock criou um clássico do cinema bastante fiel ao texto

original, da mesma forma empregada em “Pacto sinistro” – o que não era seu tanto seu hábito.

Nem todos os cineastas são roteiristas. Associado ao “cinema de autor”, Alfred Hitchcock contava com a colaboração fiel de Alma Reville, sua mulher e mãe de sua única filha. Além de participar de muitas das equipes de roteiristas do marido, ela acompanhava as filmagens e montagens dos filmes, percebendo, inclusive, a respiração da atriz Janet Leigh, que deveria estar morta na famosa cena do chuveiro, em “Psicose”. O humor característico do diretor o levou a suavizar algumas versões nas telas, entre elas a de uma das mais pesadas novelas da dupla parisiense Pierre Boileau e Thomas Narcejac, “D’entre les morts” (1954), que viria se popularizar pelo título, no cinema, de “Vertigo – Um corpo que cai”. Reza a lenda que Hitchcock teria tentado adquirir os direitos do primeiro sucesso dos franceses, no início dos anos 1950, mas Henri-Georges Clouzot chegou na frente e fez “As diabólicas”. Segundo o cineasta François Truffaut, no entanto, Boileau e Narcejac escreveram o segundo livro já com intenção de atrair o interesse de Hitchcock. “... quando souberam que você teria

gostado de comprar os direitos de ‘As diabólicas’, (...) escreveram ‘D’entre les morts’, que a Paramount logo comprou para você”, conta o francês em passagem de seu livro “Hitchcock-Truffaut Entrevistas” (Companhia das Letras, R\$ 137,90).

A mais recente edição de “Vertigo” (Darkside, R\$ 89,90), privilegia a imagem hitcockiana, copiando, na capa, o design do celebrado Saul Bass, criador de diversos cartazes para os filmes do diretor. Poucas fotografias do filme, entre elas o frame de um apavorado James Stewart pendurado em um parapeito, compõem o belo volume, que traz uma das melhores histórias do duo francês. Se o filme tem passagens bastante divertidas, embora a trama se concentre na dúvida de um homem sobre a reaparição de uma sócia de uma mulher que viu morta, o livro é sombrio e sem qualquer inocência.

Boa parte dos livros em que Hitchcock baseou seu cinema vieram de escritores hoje pouco conhecidos, que seriam destaque em qualquer biblioteca de histórias de suspense. Ele buscou inspiração nos consagrados John Steinbeck, Joseph Conrad e Somerset Maugham, mas também nos menos divulgados no Brasil David Dodge e Frederick Knott. Boileau e Narcejac tiveram muitas histórias aqui publicadas em coleção de policiais vendidas em bancas de jornal, nos anos 1980, da editora Globo. Daphne du Maurier não se resumiu a “Rebecca”, tendo muitas de suas histórias virado filme – que mereceriam reedições brasileiras. Que tal, editoras?

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

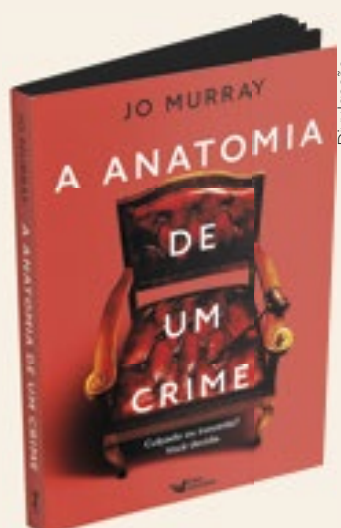
SONHOS DE ASCENSÃO

Na mansão de veraneio de um casal brasileiro em Punta del Este, no Uruguai, sobrinha da empregada da casa, observa os anfitriões e seus convidados, que pouco percebem da presença da criança, sempre acompanhada por seu cachorro vira-lata. A menina sonha em morar no Brasil das novelas, onde as praias oferecem mais do que a beleza a sensação de plenitude a qualquer pessoa. Em “O lado de lá” (Bazar do Tempo, R\$ 68), Paloma Vidal, nascida na Argentina e criada no Brasil, mistura espanhol e português numa narrativa que destaca a desigualdade cultural e econômica entre grupos que dividem o dia a dia, além do contraste entre o desejo de ascensão social da menina e a invisibilidade imposta aos empregados da casa.



UM EMBATE NOS TRIBUNAIS

O assassinato de um juiz da suprema corte britânica no apartamento de um conhecido marginal leva para o mesmo tribunal, em campos opostos, um casal de advogados – ele na acusação, ela na defesa – em “Anatomia de um crime” (Faro Editorial, R\$ 79,90), da inglesa Jo Murray. Contada em primeira pessoa pela defensora e por uma misteriosa testemunha, o texto pode até ser um tanto difícil para o leitor pouco habituado a enredos que tenham como fundo o sistema jurídico do Reino Unido, com diferentes instâncias de promotoria e defensoria. No entanto, a trama traz viradas tão surpreendentes e hipnotizantes que será adaptada para a segunda temporada da série de televisão “Acima de qualquer suspeita”, da Apple TV.



ESCUTAR A SINGULARIDADE

Com organização das psicanalistas Mônica Donetto Guedes e Renata Botelho, “Sexualidades Não Nascem Prontas: do nascimento ao envelhecimento” (Inm Editora, R\$ 80) traz textos de psicólogos, médicos, juristas e escritores que analisam a proposta psicanalítica de escutar a singularidade e a permanente construção do sujeito a fim de evitar o enquadramento da sexualidade em padrões rígidos. A vigilância sobre os corpos, o desejo que desaparece, a adultização das crianças pela Internet – tudo é construção da sexualidade, convidando o leitor a enxergar esse processo dinâmico de construção e reinvenção em todas as etapas da vida, atravessado pela cultura, pela história pessoal e pelas transformações identitárias.



Por Mayariane Castro

A 6ª Bienal Internacional do Livro de Brasília (BiLB) começou nesta segunda-feira (17) e segue até domingo (23), no Museu Nacional da República.

Com entrada gratuita, o evento reúne escritores, artistas, educadores, editoras, leitores e representantes da cadeia produtiva do livro em uma programação que inclui literatura, música, debates e atividades culturais. A edição deste ano tem como tema “Ler o Amanhã” e ocorre quatro anos depois da última bienal realizada na capital.

A programação aborda temas relacionados aos desafios sociais e culturais do presente e às perspectivas para os próximos anos. Entre os assuntos previstos estão democracia, sustentabilidade, antirracismo, diversidade, representatividade, educação diante do avanço da inteligência artificial e enfrentamento à violência contra a mulher.

Literatura e música

Entre os nomes que participam da programação estão a escritora e filósofa Djamilia Ribeiro, o teólogo Leonardo Boff, o rapper Gabriel O Pensador, o cantor e compositor Criolo e o músico Zeca Baleiro.

As atividades estão distribuídas em sete eixos: autores, história em quadrinhos, criança, mercado, conexão geek, música e multimeios.

A agenda musical e literária começou a ganhar destaque na quinta-feira (20), quando Gabriel O Pensador participou, às 15h30, de uma palestra sobre juventude, criatividade e protagonismo. Nesta sexta-feira (21), às 22h, Criolo se apresenta du-

A escolha dos temas amplia a programação para além das discussões relacionadas diretamente à produção literária. O evento propõe encontros sobre transformações tecnológicas, relações sociais e questões ambientais, utilizando a leitura e a cultura como pontos de partida para a discussão sobre o futuro.

O eixo dedicado ao futuro da educação inclui debates sobre os impactos da inteligência artificial no ensino. A discussão ocorre em um cenário de expansão das ferramentas digitais capazes de produzir textos, imagens e outros conteúdos, o que tem provocado debates sobre métodos de aprendizagem, formação de professores, autoria e acesso ao conhecimento.

A pauta ambiental também está presente na programação. As atividades sobre sustentabilidade discutem a relação entre sociedade e meio ambiente e as responsabilidades



Bienal vai até domingo com vários debates, shows, sessões de autógrafos e outras atrações

Bienal do Livro preenche Brasília com histórias

Evento gratuito segue até domingo (23), no Museu Nacional da República, com debates sobre democracia, sustentabilidade, antirracismo e inteligência artificial

rante a programação do evento. No sábado (22), a programação concentra encontros voltados a

questões sociais, culturais e ambientais. Às 14h, Zeca Baleiro participa da palestra “Ler o Ama-

nhã: poesia, música e as histórias que transformam”. O encontro propõe uma discussão sobre a relação entre música, literatura e as narrativas que participam da formação cultural.

Às 16h, Leonardo Boff participa de um debate sobre o futuro das relações humanas, sustentabilidade e consciência planetária. O religioso e escritor, ligado à Teologia da Libertação, tem entre os temas re-

correntes de sua produção questões relacionadas à ética, à ecologia e às relações sociais. Mais tarde, às 19h, Djamilia Ribeiro participa de uma roda de conversa sobre democracia, diversidade e representatividade. A atividade integra a proposta da bienal de discutir questões relacionadas à participação social e à presença de diferentes grupos na sociedade.

Discussões além da produção literária

Debates programados falam da luta antirracismo, de ecologia e religião, entre outros temas

diantes da mudanças no planeta. A proposta se relaciona diretamente ao conceito de “Ler o Amanhã”, adotado como tema central desta edição.

O antirracismo e a diversidade aparecem em diferentes ativida-

des da programação. Os debates abordam representatividade e participação social, além de questões relacionadas às desigualdades que atravessam a sociedade brasileira. A participação de Djamilia Ribeiro in-



Última Bienal em Brasília tinha acontecido há quatro anos

tegra esse conjunto de discussões.

Outro tema previsto é o enfrentamento à violência contra a mulher. A questão é incluída entre os assuntos que orientam os debates da bienal, ao lado de discussões sobre

democracia e direitos sociais.

A programação também contempla públicos específicos. O eixo criança reúne atividades voltadas ao público infantil e à formação de leitores.

Regina Casé viva e de graça no CCBB

Espetáculo “Viva! Vida!” terá apresentações entre terça e quinta, sempre com entrada gratuita

Por Mayariane Castro

A atriz Regina Casé volta aos palcos com o espetáculo “VIVA! VIDA!”, que será apresentado nos dias 25, 26 e 27 de agosto no Jardim do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília.

As sessões começam às 19h, têm classificação livre e entrada gratuita. Os ingressos serão disponibilizados ao meio-dia do dia anterior a cada apresentação. A capacidade informada pela produção é de mil lugares. A programação também consta na agenda oficial do CCBB Brasília.

Origem da vida

Escrito por Estêvão Ciavatta Pantoja, com colaborações dos cientistas Antônio Nobre e Fábio Scarano, além de Daniela Thomas e Regina Casé, o solo aborda temas relacionados à origem

da vida, à formação do planeta, à ciência, ao meio ambiente, à espiritualidade e à tecnologia.

A direção é assinada por Daniela Thomas e Estêvão Ciavatta Pantoja.

A proposta é conduzir a narrativa desde acontecimentos relacionados à formação da Terra até questões presentes na vida contemporânea, incluindo o uso de tecnologias de comunicação.

A montagem parte de uma perspectiva que relaciona diferentes campos de conhecimento.

No decorrer da apresentação, assuntos ligados à astronomia, química, física e biologia são colocados em diálogo com referências à cultura, à espiritualidade e aos conhecimentos de povos indígenas. A narrativa também aproxima temas científicos de situações do cotidiano, estabelecendo uma passagem entre fenômenos que ocorreram há bilhões de anos e hábitos da sociedade conectada.

Segundo Regina Casé, o pro-



Monólogo de Regina Casé discute a origem e o sentido da vida

cesso de criação começou a partir de conversas com Estêvão Ciavatta Pantoja e os pesquisadores Antônio Nobre e Fábio Scarano. As discussões, inicialmente informais, foram registradas e posteriormente utilizadas na construção do roteiro. A atriz relata que suas perguntas e comentários passaram a integrar o processo de escrita.

Volta a parceria

A volta ao teatro também marca a retomada da parceria profissional entre Regina Casé e Estêvão Ciavatta Pantoja. Os dois já haviam trabalhado juntos em projetos anteriores. Daniela Thomas, que participa da direção e assina a cenografia, também passou a integrar o processo de elaboração do texto.

A cenografia utiliza painéis de LED desenvolvidos pelo estúdio Radiográfico. As imagens acompanham a atuação e fazem parte da composição visual da montagem. O projeto procura utilizar o espaço cênico para estabelecer relações entre os diferentes períodos e assuntos abordados no texto.

História do planeta é a **nossa história**

Dos primeiros microorganismos ao que acontece hoje, tudo está conectado

A trilha sonora é de Amaro Freitas. O músico trabalha na composição a partir de referências do jazz e de ritmos nordestinos e afroculturais. O figurino de Regina Casé é assinado por Cláudia Kopke.

A equipe técnica inclui ainda Verônica Rodrigues, responsável pelo visagismo, Beto Bruel, pela iluminação, e o Estúdio Radiográfico, pela identidade visual. A produção executiva é de Cristina Leite, com direção de produção de Alessandra Reis.

Histórias

A montagem tem como um dos eixos a relação entre os seres vivos e a origem comum da vida

na Terra. O espetáculo apresenta a ideia de que as formas de vida existentes no planeta compartilham uma história evolutiva iniciada nos primeiros organismos que surgiram nos mares primitivos. A partir desse ponto, o texto relaciona a história do planeta com questões atuais sobre o modo como os seres humanos vivem e se relacionam com o ambiente.

A dramaturgia também estabelece conexões entre escalas distintas. A narrativa parte de fenômenos cósmicos e passa pela formação da matéria, pelo desenvolvimento da vida e pela experiência humana. Em outro momento, chega às relações mediadas por celulares e aplicativos



O espetáculo acontecerá nos gramados do CCBB

de mensagens. Dessa forma, o espetáculo alterna referências científicas, situações cotidianas e reflexões sobre o lugar dos seres humanos no planeta.

“VIVA! VIDA!” é um solo,

com Regina Casé como única integrante do elenco. A montagem tem como proposta utilizar a atuação para organizar os diferentes temas apresentados ao público. A estrutura combina texto,

projeções, música, iluminação e figurino para acompanhar as mudanças de assunto ao longo da apresentação.

O retorno de Regina Casé ao teatro ocorre após trabalhos em televisão e cinema. Na televisão, a atriz esteve à frente de programas como “Esquenta!”, “Central da Periferia” e “Muvuca”. No cinema, participou de filmes como “Eu, Tu, Eles”, “Que Horas Ela Volta?” e “Três Verões”. Sua trajetória também inclui trabalhos como diretora e roteirista.

O espetáculo é apresentado pelo Ministério da Cultura e conta com patrocínio do Banco do Brasil por meio da Lei Rouanet. A temporada em Brasília integra a circulação da montagem, que também passou pelo Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, onde foi apresentada entre julho e agosto de 2026.